

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
AV. COSTÁBILE ROMANO, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2025

ANO 10 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: LARISSA BEZERRA

O sujeito produz emoção, percepção e pensamento

Psicologia e arte integradas resultam em produção de afetos, autoconhecimento e sentidos de existência

Repórteres: Fernando Otavio

Para a psicóloga e arteterapeuta Larissa Carvalho Bezerra, de Sertãozinho-SP, a arte é um lugar de compreensão que permite enxergar o sujeito além dos diagnósticos e rótulos exigidos pela lógica contemporânea. Influenciada por experiências com pacientes esquizofrênicos e oficinas criativas, ela defende que a arteterapia humaniza e produz sentido. Para Larissa, quando psicologia e arte se encontram, caminhos são abertos para a transformação, afeto e percepção de si, reforçando que é possível produzir novos modos de existir e compreender o mundo.



MURAL ENTREVISTA– Como você define o seu trabalho atual com arteterapia? E quais experiências durante a graduação mais contribuíram para essa trajetória?

LARISSA BEZERRA – Hoje eu defino a arteterapia como um lugar de compreensão. Dentro dessa abordagem, a gente fala muito sobre a compreensão do sujeito. E acho que a arte permite esse olhar além dos diagnósticos, além dos rótulos. A atuação que mais me influenciou foi um estágio na Ápice [centro terapêutico] com pessoas esquizofrênicas. Lá, geralmente era mais voltado para esse público. Durante toda a faculdade, eu participei de congressos e fiquei responsável, junto com amigos, pela área de arte. A gente desenhava, incentivava as pessoas a desenharem. E os estágios que eu escolhi, como o de oficina de criatividade, já influenciaram muito minha escolha e hoje influenciam minha atuação profissional.

Tem alguma técnica ou modalidade artística que você gostaria de

experimentar, mas ainda não teve a oportunidade?

Eu já participei de uma oficina com contos. Foi com o conto do Barbazul [título do conto de Clarissa Pinkola Estés]. Foi bem legal porque trabalha a questão da violência doméstica. Os contos conseguem sensibilizar sobre essas questões. Eu nunca cheguei a trabalhar com contos, mas gostaria muito. E com instrumentos musicais também. Acho que é algo que eu penso um dia, apesar de não saber tocar instrumento. Mas, a pessoa não precisa saber desenhar, não precisa saber recitar uma poesia. O importante é o sentido. É isso que a gente sempre deixa claro na arteterapia. Não importa a estética, importa o sentido e como aquilo toca a pessoa.

Quais suas maiores referências dentro do campo da arte e da psicologia?

É a questão da humanização. A Nise da Silveira contribuiu muito para esse lugar onde passamos a olhar o sujeito como humano. Os únicos seres que fazem arte somos nós, nenhum outro animal faz arte. A arte é uma forma de humanização. Ela trouxe isso numa sociedade que não via pessoas esquizofrênicas, pessoas com transtornos, como humanas. Essas pessoas eram jogadas à margem. A contribuição dela [Nise] é esse olhar que carregamos até hoje, com a luta antimanicomial, com os CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) etc. Ela contribuiu para olharmos essas pessoas com um olhar diferente daquela época.

A psicologia e a psiquiatria tendem para um caminho

mais humanizado, mais artístico, com intersecção de outros saberes, a partir da luta que a Nise trouxe?

Depende. A psicologia tem várias abordagens. Algumas mais usadas pelo sistema, como comportamental e TCC (Terapia Cognitivo-Comportamental), que são mais práticas, objetivas e com resultados rápidos. Dentro dessa lógica capitalista, as pessoas querem o que dá resultado rápido. Hoje, eu trabalho em um hospital e vejo muito a busca por diagnóstico, as pessoas procuram isso. Então depende do contexto. No CAPS eu acho que sim, pois é um lugar mais humanizado. Mas, em instituições, hospitais, até na clínica, o lugar da arte fica restrito.

Quais caminhos se abrem quando a sensibilidade da arte dialoga com olhar atento da psicologia?

Acredito que vários caminhos se abrem. Porque a arte é um lugar de compreensão. Eu sempre falo, até para os pacientes: a mudança não vem do automático, vem do entender. Quando eu compreendo aquilo, eu consigo mudar, eu consigo me perceber de outra forma. E a arte vem do incômodo, da revolta. Nise traz a arte como resposta a um sistema, a um status quo. Então a arte, dentro da psicologia, vem do olhar para a gente mesmo, para o que me incomoda. Quando eu faço um desenho, eu falo de mim. Quando eu me desloco, eu me vejo de outra forma.

Como a socialização e o afeto, nesses espaços de fazer artístico, podem contribuir com o tratamento terapêutico?

Eu acho que a arte traz possibilidades. Uma professora minha dizia: “um fumante só para se ele acreditar que é possível parar”. Quando estou em um espaço de afetividade

e socialização, eu quero trazer o afeto como lugar de afetação mesmo. Dentro da minha abordagem, a gente é relacional. Eu existo em relação com a natureza, com o outro e com a arte. A arte possibilita a transformação. A arte me mostra que eu sou possível. Por exemplo, tive uma paciente muito artística, que criava tudo. Eu falei para ela: você pode (re)criar a sua vida. A arte mostra que somos produtores, não apenas consumidores. Eu produzo sentimentos, percepções e pensamentos.

Quais obstáculos ainda persistem nesse diálogo entre saberes? E quais políticas públicas poderiam favorecer uma integração efetiva?

Depende do contexto. A psicologia ainda é vista como psicologia clínica somente. A clínica é cara, nem todos podem pagar. O grupo alcança mais pessoas. As políticas públicas poderiam fortalecer projetos culturais que integrem psicologia. Quando projetos culturais trazem a psicologia junto, você traz mais acessibilidade ao tratamento. ◆

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Apuração e Gêneros Jornalísticos, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.

COORDENAÇÃO DO CURSO DE JORNALISMO

Profº Geraldo José Santiago

ORIENTAÇÃO E EDIÇÃO

Profª Elivanete Zuppolini Barbi

PAUTAS, ENTREVISTAS E REDAÇÃO

Alunos da disciplina Apuração e Gêneros Jornalísticos – 2ª etapa

APOIO TÉCNICO

Janio Warlem (Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)